

# AS CAUSAS, OS IMPACTOS E OS RESULTADOS DA POLITICA VARGUISTA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS DE 1930 A 1945

*Mariana Silva de Paula, Maria José Acedo Del Ommo*

UNIVAP/Faculdade de Educação, Rua Tertuliano Delphin Junior, 181, marianapaula@fccr.org.br  
Instituição/Departamento, Endereço, e-mail

**Resumo-** O presente trabalho tem por objetivo estudar em que medida a política Varguista foi responsável pela modernização de São José dos Campos. Pretende-se também analisar a política e a ideologia do Estado Novo e entender como São José dos Campos insere-se nesse contexto. Investigar como se deu a criação da Estância Climatérica e seus desdobramentos. A partir de estudos deste período, pretende-se investigar e abordar as alterações sócio-econômicas em São José dos Campos entre os anos 1930 e 1945.

**Palavras-chave:** História de São José dos Campos, Getúlio Vargas no Vale do Paraíba, Estância Climatérica e Estado Novo.

**Área do Conhecimento:** História

## Introdução

Por meio deste trabalho, buscamos compreender a questão que envolve São José dos Campos no período de transição da República Velha para o 1º período Varguista (1930-1945). Veremos historicamente como São José dos Campos se desenvolveu em meio a tantas mudanças sociais e econômicas.

A nova ordem política representada por Getúlio Vargas trazia influências do Exterior, num momento em que as doutrinas políticas do mundo estavam estigmatizadas pela fragilidade da 1ª Guerra Mundial.

Com a Revolução de 1930, o país passava por modificações, com transformações voltadas para a área das indústrias, não mais querendo se prender aos modos de produção colonial/agrícola, que aos olhos do Exterior eram tidos como o atraso da Nação.

Com o Estado Novo (1937-1945), Vargas simbolizava o poder do Estado, em sua concepção do “novo homem” passava para a população esperança de uma sociedade melhor, mobilizando multidões pelo Brasil com essa imagem pôde ganhar muitos adeptos a sua política.

Como meio estratégico das cidades mais importantes, por manter ligação ferroviária e rodoviária São José dos Campos era alvo para investimentos. Via-se em São José um escape para a descentralização dessas metrópoles.

Temos a partir desse processo de transformações, em São José dos Campos, a concentração de investimentos em diversas áreas, período onde temos, segundo Lessa, “a descentralização da metrópole paulista e o crescimento dos pólos regionais.”<sup>1</sup> (LESSA, 2001: 15) Temos então, a política representada por Vargas ganhando formas, e como disse Fausto “começa um período

de urbanização, de plena afirmação dos costumes europeus.”<sup>2</sup> (FAUSTO, 2006:11)

Nas décadas de 1920 e 1930 São José dos Campos era uma cidadela, sua economia ancorava-se na atividade agrícola que permeava muitas vezes a subsistência, casebres, prédios em ruínas, ruas estreitas e sem pavimentação eram marcas de empobrecida São José dos Campos.

Consta no Jornal Correio Joseense, semanário da época, que em 1920 havia “o combate ao *analfabetismo*” devido ao pequeno número de escolas instaladas havia muitos analfabetos, e o governo do Estado estava interessado em mudar este quadro. Os furtos de galinhas, o trânsito de gado bovino pelas ruas da cidade, eram rotineiros. Consta que foi na década de 1920 com a lei de isenção de impostos da Prefeitura, que houve em São José a instalação das primeiras empresas, Cerâmica Eugênio Bonádio (1920) e Tecelagem Parahyba (1925) que mantinham sob sua responsabilidade grande parte da mão-de-obra do município. Além dessas fábricas foram construídos dois grandes sanatórios, o Vicentina Aranha (1924) e o Vila Samaritana (1929) anunciando então a fase sanatorial. Em vista dessa fase, o que movimentava a cidade era a vinda dos doentes do pulmão em busca do tratamento, trazendo com eles necessidades especiais e a instalação de novas residências, pontos de comércio e hotéis, enfim nova infra-estrutura.

Em 1930, houve a Inspeção Sanitária realizada por João Ferraz Amaral estudante da Faculdade de Medicina de São Paulo e segundo relatório, a cidade tinha característica pobre e às vezes sombria pelos seus prédios e casarões antigos e esquecidos. As ruas de terras sem calçamentos e igrejas no geral simples. Entretanto já havia a idéia da transformação do município em Estância Climatérica, primeiro pelos bons ares e segundo

pelos investimentos do Estado que contribuiriam para seu necessário desenvolvimento.

Devido ao golpe Varguista de 1930, São José fica sendo governado pela junta governativa composta pelo Dr. Ruy Dória, Arnaldo Cerdeira e Austin Tibiriçá. E em 1931 quem assume como prefeito nomeado (Interventor) é o Dr. Ruy Dória, que segundo Lessa, “ganhou prestígio e influência suficiente para se tornar líder da política valeparaibana no período varguista”.(LESSA, 2001: 70)

Porém, para Dr. Ruy Dória, a questão da vinda de indústrias para São José dos Campos não era vantagem, dizia “precisamos de doentes [...] essa é a nossa indústria” (LESSA, 2001: 70) nesse discurso já observamos um contradição à política de industrialização de Vargas.

Em 1935 cria -se, a Estância Climatérica visando receber investimentos estatais, pois a metrópole paulistana estava num momento de concentração de mão-de-obra saturada e havia a necessidade da dispersão desse contingente para pólos regionais.

Para Lessa “esta dispersão gerou investimentos infra-estruturais na cidade de São José dos Campos, que deram a partir dos planos de ação e de políticas públicas com o objetivo de construir a cidade sanatorial.” (LESSA, 2001:22)

E analisando segundo D’Araujo a política Varguista, foi “nesse período que o Brasil teria deixado de ser um país eminentemente agrícola, dependente exclusivamente do café, para entrar na rota do mundo industrial e moderno”. (D’Araujo, 2000:40)

Como o município de Campos do Jordão já era Estância, a nova perspectiva para o desenvolvimento da sociedade, saltava-lhe aos olhos novos ares para a nova São José dos Campos. A intenção não só para São José dos Campos, mas para todas as cidades regionais era a busca pelo desenvolvimento.

Desde a elevação da cidade para Estância Climatérica e Hidromineral em 1935, institui-se a Prefeitura Sanitária, ou seja, a cidade deixa de ter eleições democráticas para a prefeitura e para a câmara sendo estas ocupações feitas por pessoas nomeadas pelo Governo do Estado.

Essa forma de manter interventores municipais nomeados por Getúlio Vargas enalteceu a técnica da contraposição a política veiculada. Demonstrando a centralização política e “o fortalecimento do poder executivo em níveis até então desconhecidos; a subordinação dos estados ao governo central; o fim das consultas populares através de eleições; e proscrição do legislativo. Em suma, a autonomia do Estado em relação às forças da sociedade.” (D’Araujo, 2000:31)

Foi durante “o período de 1935-1962 que a cidade viveu sob a forte presença dos prefeitos sanitários, em sua maioria médicos, mas contando também

com a presença de alguns engenheiros.” (LESSA, 2001:70)

Os médicos sanitaristas eram necessários para cuidar da saúde da cidade, enquanto os engenheiros cuidavam das intervenções urbanísticas, como demolições de habitações insalubres que causavam riscos à saúde da população.

Nesse plano “a cidade não somente passou por um processo de regulamentação da ocupação do solo estabelecendo o zoneamento, como também recebeu dinheiro do estado.” (LESSA, 2001:66)

Com a instalação do Estado Novo (1.937), havia a esperança de uma nova organização social e econômica que para São José dos Campos era de extrema importância, pois era uma cidade pobre e ainda com ruas de terra, não condizente assim com as necessidades sanatoriais e nem com o desejo de progresso.

O discurso proferido por Vargas levava a entender que a população evoluiria junto com o Estado Novo dentro do contexto “homem novo”, um novo ideal político, onde a mão-de-obra seria valorizada, os meios de produção seriam renovados, iniciando uma nova fase econômica.

Essa idéia era fielmente discursada por Adhemar de Barros, interventor federal (1.938-1.941), os joseenses aclamavam essa idéia introduzida também na forma de uma “cidade nova”. Em São José a referência era trazida através do Prefeito Sanitário Francisco José Longo (1.938-1.941), onde aumentava-se o entusiasmo da população, sobretudo para o fato da cidade deixar de lado a pobreza e se modernizar, onde tudo que matinha características de atraso seria alvo de transformações radicais.

Para o Vale do Paraíba, Adhemar de Barros apresentou o Plano de Reerguimento do Vale do Paraíba que visava enaltecer as riquezas do Vale e o “potencial industrial”.

O desejo de evolução era fortemente marcado tanto pela população quanto pelos interventores, porém essas transformações não foram totalmente realizadas, talvez pelo nível social da população, ou pela falta de experiência de seus governantes.

### **Metodologia**

Através de pesquisas em relatórios e inspeções da época investigaremos qual era a política de desenvolvimento, sabendo que após 1930, há uma transformação sócio-econômica no país, e isso vem de certa forma trazer mudanças em todos os estados. Verificaremos qual foi a política adotada pelos interventores em São José dos Campos. Também analisaremos o desenvolvimento através de gráficos e estatísticas no período de 1930 a 1945, com base de dados no IBGE e no Arquivo Público.

## **Resultados**

O resultado esperado, é de que a partir desses estudos sejam abordados de forma clara as transformações sócio-econômicas de São José dos Campos.

## **Discussão**

Através da nova ordem, a expressão de *novo*, levava em consideração vários fatores ideológicos. Em São José dos Campos, esse discurso é bem exaltado através das políticas públicas adotadas pelos interventores do município. Investigaremos quais foram esses discursos e como a sociedade se portava diante desses fatos, e como foi a aceitação da sociedade diante da elevação do município para Estância Climatérica, anunciando também sua fase sanatorial.

## **Conclusão**

Através das pesquisas, buscamos compreender quais foram as influências da política Vargasista. Tendo como resultado a modernização e infraestrutura do município, para a implantação das primeiras indústrias de grande porte, a instalação da Via Dutra, etc.

## **Referências**

CIRC, Cadernos do. Centro de Informações e referências culturais. In. "As coisas nos seus devidos lugares": São José e a ditadura Vargasista. Cláudio Bertolli Filho. São José dos Campos, Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Ano 01, n.º 01, dezembro, 1.996.

D'ARAUJO, Maria Celina. O Estado Novo. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. Getúlio Vargas - o poder e o sorriso. São Paulo, Ed. Cia das Letras, 2.006.

FONSECA, Pedro César Dutra. Vargas: o capitalismo em construção. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1.999.

LESSA, Simone Narciso. São José dos Campos: o planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba. Tese de doutorado. UNICAMP, São Paulo, 2.001.

SANTOS, Ademir Pereira dos. Arquitetura Industrial: São José dos Campos. São Paulo, Ed. Takano e Digital Press, 2.006.

SOARES, Luiz Laerte et SOUSA, Ana Maria Santos. Modernidade e Urbanismo: São José dos Campos. São José dos Campos, Ed. e Gráfica Papercrom, 2.002.